

EDITORIAL v. 10, n. 20, 2025

Os escritos publicados nesse décimo volume da **Revista M.** colocam em cena investigações e leituras que reforçam como os estudos sobre a morte, o morrer e os mortos são potentes, latentes, instigantes e intrigantes. Entre a vida e a morte, há nuances e mistérios dos mortos que não morreram, que teimam em transitar entre os mundos ou mesmo permanecer na cotidianidade dos vivos. Os artigos que compõem o *Dossiê Morte e não-morte: o governo dos não-mortos e o trânsito entre o mundo dos vivos e dos mortos*, organizado por **Lourival Andrade Junior** (docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil) e **Lúcio Reis Filho** (docente colaborador no Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens da Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil), descontinam cenários e episódios da coexistência entre vivos e mortos, sob os signos das almas, assombrações, mortos-vivos, mestres da Jurema e outras representações. A originalidade do dossiê é marcante e inspiradora. Lançando vivacidade para os mortos, ele abre caminhos investigativos e trilhas narrativas poéticas, importantes e necessárias, envolvendo estudos

* Doutor em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor Adjunto do Departamento de História da URCA/CE. Docente do Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História (ProfHistória/URCA) e do Mestrado Profissional em Educação (PMPEDU/URCA). Líder do Núcleo de História Oral, Memória e Diversidades (NHISTAL/URCA). CV: <http://lattes.cnpq.br/4970627821671141>

promissores nos quais aqueles/as que morreram continuam marcando presença entre os vivos, assumindo funcionalidades, despertando e realimentando afetos. Como uma poética de outras existências, a não-morte é como um caminho aberto para outras interpretações sobre a (in)finitude.

O artigo de **Fábio Gerônimo Mota Diniz** (doutor pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Brasil) direciona nossos olhares para os ritos relacionados à morte e aos fantasmas nos poemas líricos da Grécia do Período Helenístico. Intitulado *Morte, rituais fúnebres e fantasmas na Argonáutica de Apolônio de Rodes*, analisa como este último autor utilizou as aparições dos mortos enquanto elementos nodais da sua narrativa poética. Mediante recursos narrativos sofisticados sobre tais aparições, Diniz descontina como Apolônio de Rodes antecipa eventos míticos no poema lírico, relembrando o modo pelo qual os cuidados com os mortos foram aspectos centrais da cultura grega de então.

Em *Opúsculo dos Mortos-Vivos: estigma e representação da lepra em periódicos brasileiros de início do século XX*, **Lúcio Reis Filho** investiga as representações sobre os leprosos como mortos-vivos no contexto da modernização brasileira do século XX. Mobilizando jornais e revistas como fontes principais do seu estudo, o autor discorre de que forma os periódicos que circularam amplamente no período estudado representaram os leprosos como monstruosidades. Nas lutas de representação, entre o ideal de modernidade (e a higienização da sociedade), a hanseníase e os doentes "deformados" e "fedidos", os periódicos reforçaram preconceitos e estigmas, operando com os arquétipos de impureza, contágio e horror dos mortos-vivos.

O texto *Casas assombradas: aparições dos mortos entre o Ceará e Portugal*, de autoria de **Francisco Wellington Gomes Filho** (Doutorando em História na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil), apresenta uma reflexão comparativa sobre as aparições dos mortos entre territórios brasileiros e portugueses. Na perspectiva da micro-história comparada e utilizando-se de narrativas orais, o artigo analisa como, no mundo terreno, as casas habitadas pelos vivos são também espaços de aparição das almas, apontando semelhanças e funcionalidades da presença dos mortos entre os vivos nestas duas espacialidades.

O historiador **Lourival Andrade Junior** investiga a experiência de não-morte do cangaceiro Pilão Deitado. No artigo intitulado *Pilão deitado: do cangaço aos terreiros*, o autor reflete episódios da vida e morte do cangaceiro, assassinado no início do século XX, no espaço posteriormente inventado como Nordeste brasileiro (mais especificamente, nos sertões do atual Rio Grande do Norte). Mediante uso de fontes diversas e experiências de campo nos espaços de culto à Jurema Sagrada, o artigo apresenta a presença teimosa de Pilão Deitado entre os vivos, agora como Mestre da Jurema.

O Dossiê se encerra com o artigo *Existencias liminares: modos de ser y estar entre lo vivo y lo muerto en la escritura del libro de la morgue judicial en Córdoba, Argentina, en 1976*, de **Lucia Noelia Rios** (docente no Instituto de Antropología de Córdoba/Argentina). Operando uma etnografia documental, a autora se debruça sobre documentos produzidos pelo necrotério judicial de Córdoba, Argentina, no cenário político da ditadura na década de 1970, para apresentar significados singulares sobre os mortos vitimados pela repressão estatal.

Além dos artigos que compõem o dossiê, a seção **Artigos Livres** conta com o texto de **Paloma Barcelos Teixeira** (doutoranda em Geografia na Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil), intitulado *Três necrópoles portenhais: apontamentos sobre geografia cemiterial*. Nele, a autora reflete sobre três cemitérios de Buenos Aires, Argentina, desnudando a complexa e profícua relação entre história e geografia a partir dos espaços cemiteriais e da cultura funerária.

Dois textos integram a seção **Ensaios sobre a finitude**. No primeiro deles, *Governados pelos mortos: considerações sobre arte funerária a partir da antropologia das imagens*, **Mariana Ferreira Vieira e José Bento Machado Ferreira** (doutoranda e doutor pela Universidade de São Paulo, Brasil) refletem sobre as singularidades das imagens dos cemitérios, considerando as historicidades e funcionalidades da arte funerária no contexto dos contrastes do nosso tempo.

Já o segundo, *Ensaio sobre morte e infância*, de autoria de **Telma Almeida de Oliveira Braga** (vinculada à Faculdade Conectada – FACONNECT, Brasil), compõe uma trilha reflexiva instigante, como um artesanato da memória. Operando com os conceitos de encantamento e infancialização, tomados como atos de afirmação da vida perante a banalização e invizibilização da morte na nossa contemporaneidade, a autora aponta para potências narrativas que tomam o brincar e o narrar históricas como elementos que costuram a morte e a vida.

Finalizando este volume da **Revista M.**, duas **Resenhas** apontam para reflexões sobre luto na nossa contemporaneidade. A primeira, intitulada *Uma abordagem abrangente e compreensiva sobre o luto no século XXI*, de autoria de **Ivania Jann Luna** (docente na Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil), analisa o livro *O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno*, de Maria Helena Pereira Franco, publicado no contexto da pandemia de COVID-19. Luna demonstra como a obra apresenta uma contribuição importante para as reflexões sobre o tema, tanto por envolver os leitores na tradição ocidental acerca do luto como por provocar reflexões sobre os desafios do enlutamento no nosso tempo.

Por fim, o texto *O luto e a forma como as memórias dos que partiram continuam a impactar e dar significado às vidas dos que permanecem*, elaborado por **Ivo Dias Alves** (doutorando em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas, Brasil) resenha a obra *Um brinde aos mortos: histórias daqueles que ficam*, de Vinciane Despret. O autor analisa como o livro toma como ponto nodal a relação entre memória e identidade, nos enlaces da vida e da morte.

O conjunto de textos reunidos nessa edição coadunam para uma direção aberta e flexível de investigações sobre a morte e a não-morte, sobre aqueles/as que partiram dessa existência, mas não morreram. Tais escritos mesclam com sofisticação acadêmica dimensões da contemporaneidade e lampejos do passado dos vivos e dos mortos. Como um artesanato urdido por muitas mãos, as pesquisas e análises apresentadas demonstram o campo complexo, fértil e promissor dos olhares (e inquietudes) para a (in)finitude.